

Publicação	Data	Assunto
Jornal A Cabra	22-11-2011	Cálculo

Da matemática para o palco

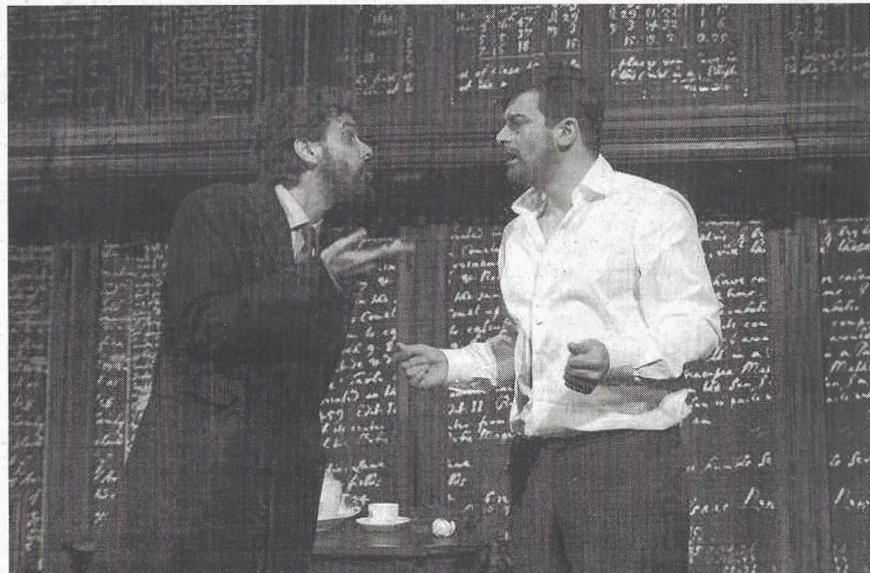
“O que é que a ciência pode fazer pelo teatro e vice-versa?” – esta é a questão que o químico e escritor, Carl Djerassi coloca. A resposta surge-nos com “Cálculo”, peça dramatizada pela marionet. *Por Ana Duarte e Mariana Santos Mendes*

Ciência no teatro. No início, parece um daqueles casos de amor impossível, que nada têm em comum. Mas alguém disse que “o teatro é algo que humaniza e, desse modo, podemos usá-lo para qualquer assunto”. Carl Djerassi foi esse alguém. Químico, romancista e dramaturgo, Djerassi conta com uma vasta carreira: no seu currículo, encontram-se vários romances, peças de teatro e inúmeros contributos no campo da química, nomeadamente na área da conceção -“Pai da pílula” não será uma nomenclatura que vem ao acaso.

Mas como pôr Isaac Newton e Gottfried Leibniz, importantes vultos da ciência, num palco? Primeiro, é preciso fazer uma retrospectiva histórica: os dois cientistas que afirmam ser os inventores do cálculo entraram em conflito, pois ambos defendiam ser os verdadeiros criadores da fórmula e reclamavam a descoberta para o seu país. A discussão requereu uma reunião dos elementos da Royal Society de Londres – da qual Newton era presidente. Leibniz nada podia fazer contra isso e muito menos contra o seu carácter manipulador e vil.

Djerassi escolheu escrever sobre esta controvérsia, não por ser sobre factos científicos reais, mas sim porque, para além de abordar uma famosa invenção que revolucionou o mundo da ciência, “queria mesmo escrever sobre Newton” e sobre “as pessoas que se deixaram manipular por ele”. É aqui que entra a humanização da ciência pelo teatro, retratada na peça “Cálculo”.

Tudo começa em Londres, no ano de 1795. Dois amigos e aficio-



Parte da ação da peça decorre num ambiente que retrata a Royal Society de Londres

nados do teatro, Vanbrugh (Filipe Eusébio) e Cibber (Gil MAC), discutem uma nova dramatização a apresentar em Inglaterra. Vanbrugh coloca as cartas na mesa e propõe uma peça sobre uma situação real, que envolvia dois grandes nomes da ciência daquela altura. Cibber, qual ator atrevido e ambicioso, entusiasma-se com o texto. Os dois começam a representar, em jeito de experimentação. E chegamos ao conceito principal da peça de Carl Djerassi: “uma peça dentro de uma peça”.

À medida que Vanbrugh e Cibber vão representando e dialogando sobre o texto, outras personagens surgem – as verdadeiras personagens de “Cálculo”: Isaac Newton (Filipe Eusébio), Gottfried Leibniz

(Gil MAC), Lady Brasenose (Andreia Damas), Dr. Arbuthot (Rui Guerreiro) e sua esposa, Sra. Arbuthnot (Helena Freitas). A história central gira à volta da reunião do comité da Royal Society, onde um simples matemático, Moivre (Filipe Eusébio) e um diplomata (Gil MAC) se juntam, para decidir o veredito: mas afinal, quem foi o inventor?

Na sala Carlos Ribeiro, vive-se um verdadeiro ambiente aristocrático, digno de um ido século XVIII. A música é uma constante ao longo da dramatização, marcando até vários momentos de tensão entre os protagonistas. José Valente, o músico, foi o responsável por toda a criação musical, autêntico revivalismo da música clássica.

“Cálculo” e a marionet

Pelas mãos da companhia de Coimbra, marionet, chega-nos “Cálculo”, estreada a 17 de novembro, no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra. A orientar esta intriga encontra-se o encenador Mário Montenegro, que é simultaneamente o tradutor da peça para português. O elo entre a ciência e o teatro é visto como algo a explorar e Mário afirma que “é algo [a ciência] importante para as pessoas, por isso deve estar no teatro”. Filipe Eusébio, um dos atores, confirma: “num mundo no qual, onde cada vez existem mais aspetos de multidisciplinaridade, mal será se as artes e as ciências não se conseguirem cruzar”. E em “Cálculo”, esse cruzamento traduz-se num sucesso.

FOTO CEDIDA POR MARIONET - FRANCISCA MOREIRA